

AUTORITARISMO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA

LUCIANA LAMBLET*

INTRODUÇÃO

Não são raros os estudos acerca dos regimes autoritários existentes na Europa do século XX. Em sua grande maioria, apontam para as perseguições, morte e opressão que rondaram tais regimes e constituíam um dos pilares da sua manutenção.

Não obstante, pesquisas, reportagens e notícias nos mostram que ainda há uma disputa a ser travada pela memória destes Estados e pelo aprofundamento analítico do processo histórico em que estiveram envolvidos.

Em Janeiro de 2004, o Centro Geral Russo para o Estudo da Opinião Pública apontou que 42% das pessoas entrevistadas gostariam de ver o retorno de um “líder como Stálin”, sendo 60% dos entrevistados com mais de 60 anos favoráveis à um “novo Stálin”.¹

Em Junho de 2010 – um ano após a demolição do memorial à participação do Exército Vermelho na II Guerra Mundial -, na cidade natal de Josef Stálin, Gori (Geórgia), a monumental estátua de bronze erguida em homenagem ao líder soviético fora retirada para dar lugar a um memorial às vítimas da guerra ocorrida entre a Rússia e a Geórgia em 2008. Na ocasião, muitas casas da cidade ostentavam fotos de Stálin penduradas na parede, geralmente, expostas logo na entrada.²

Nada assombroso se pensarmos que, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Iuri Levada, somente um terço dos russos consideram Stalin um criminoso de Estado, sendo que apenas 12% estão de total acordo e 26% concordam parcialmente.³

Para o historiador Orlando Figes, no caso das pessoas mais velhas, este resultado refletiria certa “nostalgia dos ‘bons tempos’”, nostalgia de uma época permeada pela ideologia, em que o sentido da vida era visualizado através das metas dos Planos

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES.

¹ - FIGES, Orlando. *Sussurros*. Rio de Janeiro: Record, 2010. Pág. 717

² - *O Globo* em 26/06/2010.

³ - Idem.

Quinquenais e da certeza de que estavam contribuindo para a construção de um mundo melhor.

Enquanto isso, na Alemanha de 2010, líderes dos partidos da União Democrática Cristã e União Social Cristã apresentaram a proposta de um teste de inteligência para os imigrantes, em especial turcos. Os defensores da idéia buscaram sua inspiração no discurso de Thilo Sarrazin – membro da diretoria do Banco Central Alemão e ex-secretário da Fazenda de Berlim – em que afirmou que os alemães estavam ficando “mais burros por caminhos naturais”, quais sejam, a imigração vinda da “Turquia, do Oriente Médio e da África”.

Sarrazin afirmou que quase 80% da inteligência seriam herdadas dos pais. Assim, como os imigrantes costumam ter mais filhos que os alemães, o nível de inteligência do país estaria em queda constante.⁴

Na edição de Janeiro de 2011, a revista *Le Monde diplomatique Brasil* dedicou o seu dossiê ao crescimento da extrema direita européia. Segundo o periódico, há o surgimento de um “neofascismo”, capitaneado por uma direita que se remodela e vai pouco a pouco ganhando espaço no cenário político europeu.

São novos e antigos líderes, incluindo aí alguns judeus e homossexuais, antes perseguidos e vitimados pelos regimes autoritários. As defesas giram em torno do nacionalismo exacerbado, da preservação dos “bons costumes”, da construção de um governo forte e da violência como um mal necessário. Utiliza-se do aparato democrático com o objetivo de destruí-lo. Os inimigos a serem combatidos são os movimentos sociais, a ordem liberal e, principalmente, o Islã – o grande vilão da vez.

No Leste europeu, a direita viria pincelada de nostalgia dos autoritarismos do tempo da cortina de ferro, juntamente com a retórica da questão étnica. Na Espanha e na Itália, os fantasmas de Franco e Mussolini ainda inspirariam partidos políticos.

O fato de estes movimentos estarem sendo chamados de “neofascismo” é questionável. Conservadorismo, xenofobia e autoritarismo não são características unicamente fascistas, apesar de comporem sua base. Talvez denominá-las assim, retiraria do fascismo histórico e dos movimentos atuais as suas especificidades e historicidades.

⁴ - *O Globo* em 04/07/2010.

De qualquer forma, o avanço de idéias autoritárias e xenófobas vem ganhando espaço e conquistando cadeiras nos parlamentos, prefeituras e nos meios de comunicação europeus e estadunidenses. Inevitavelmente, nos faz questionar qual o papel do historiador neste debate e como através da pesquisa histórica dos regimes autoritários do século XX podemos contribuir para afastar este espectro que teima em rondar os corações e mentes.

O PERIGO DOS EXTREMOS

As prateleiras e vitrines das livrarias encontram-se permeadas de obras que abordam o período histórico conhecido como a “Era dos Extremos”. Sejam elas historiográficas ou literárias, chamam a atenção dos leitores e garantem boas vendas. Adolf Hitler tem seu rosto constantemente estampado nas capas dos livros, bem como a suástica que representou simbolicamente a ideologia nazista.

Nos cinemas o mesmo fascínio. Filmes que mostram o horror nazista emocionam e rendem grande bilheteria.

Tudo isto pode nos levar a conclusão de que a população e, especialmente nossos jovens, se interessam e conhecem mais a história do século passado. Ledo engano. Fascínio não significa conhecimento, análise e aprendizagem. A curiosidade pode ser um primeiro passo para o conhecimento, mas não se confunde com ele.

Questões fundamentais são deixadas de lado e apartadas do problema mais importante ao se abordar tais temas: a condição humana. Quando assistimos aos filmes que demonstram a brutalidade do holocausto, nos emocionamos, mas não somos capazes de nos identificar enquanto seres humanos. Lá estavam judeus, europeus, num tempo em que não éramos nascidos. Aqui estamos nós, brasileiros, de tradição cristã, na era da informática, num novo milênio. Somos constantemente separados deste passado e o holocausto, assim como o Gulag, não nos pertence.

O historiador inglês Tony Judt acertou ao ressaltar que o passado é visto como algo tão diferente da sociedade atual, tão distante do nosso mundo das comunicações, da tecnologia e da globalização, que não teria nada para nos ensinar. Há uma necessidade tão grande de se afirmar o nascimento de uma nova era que pouco se atenta para os resquícios e influências do século que passou.

Porém, como os noticiários demonstram, o passado e, neste caso, Mussolini, Hitler, Stálin e Franco não ficaram para trás. Em outras palavras, não estamos livres dos “erros” e “extremos” do passado, como gostaríamos e como tantos proclamam.

O discurso de que vivemos num mundo completamente novo e moderno traz a ilusão de que estamos livres do que ocorreu no século anterior, como se a sociedade funcionasse tal qual uma página em branco em que podemos apagar e começar tudo de novo.

STALINISMO: LITERATURA E MEMÓRIA

“O que é o poder soviético?, pergunto a você. É um órgão de coerção! Entende? Digamos, por exemplo, nós estamos sentados aqui conversando e dois policiais batem à porta: ‘Venham conosco!’, eles dizem. E é isso aí! Esse é o poder soviético! Eles podem levá-lo e pôr você na prisão – por nada. E seja ou não você um inimigo, não vai convencer ninguém de sua inocência. É assim que funciona. Eu tenho ordens para vigiar prisioneiros. Eu devo acreditar nessas ordens ou em você? Talvez me dê pena de você, talvez não, mas o que é que eu posso fazer? Quando você mata um porco, você não sente pena quando ele guincha. E mesmo que eu tivesse sentido pena de alguém, o que é que eu poderia fazer? (...) No campo de trabalhos, eu vigiava mães com filhos doentes. Elas choravam muito. Mas o que eu podia fazer? Elas estavam sendo castigadas por causa dos maridos. Mas eu não tinha nada a ver com aquilo. Eu tinha de fazer meu trabalho. Dizem que um filho não tem culpa dos erros do pai, mas a mãe paga pelo marido. E se esse marido é um inimigo do povo, que tipo de filho essa mãe está criando? Havia muitas crianças no campo. Mas o que é que eu podia fazer? Era ruim para elas. Mas talvez ficassem melhor sem mãe como aquelas. Aquelas inimigas eram verdadeiros parasitas. Elas tinham viajado para o exterior. Estavam sempre se mostrando, com sua música, suas dachas e seus enfeites. E os pobres tinham fome, eram magros e viviam pior que os animais. Então quem são os inimigos do povo? Por que eu deveria chorar por alguém? Além disso, meu trabalho não fazia mal a ninguém. Eu prestei um serviço ao governo.” (Trecho do depoimento de Korchagin concedido à Orlando Figes em 1988. In: FIGES, 2010: 706)

A literatura marxista deixa muito a desejar quando se trata da história soviética. O stalinismo é visto por alguns como um erro teórico, um desvio e deturpação do entendimento do marxismo. Por outros, fruto de uma necessidade histórica frente a não expansão da revolução para outros países europeus. Ou ainda, o que é mais agravante, não se menciona as violências vivenciadas pela população soviética e todo o sofrimento se transforma em números no decorrer do texto ou em pé de página. Não há uma negação da violência, mas uma tentativa de compreensão, que muitas vezes naturaliza e até mesmo, procura justificar.

Compreensivo, ainda que não justificável, num contexto internacional de guerra fria, em que a pressão para a defesa de um lado e o rechaço do outro rondava as pesquisas acadêmicas. Porém, difícil de compreender nos dias atuais como jovens historiadores teimam em fechar os olhos diante da barbárie stalinista.

A utilização da expressão “socialismo realmente existente” parecia uma boa saída, mas não surtiu muitos efeitos. E as literaturas de corte liberal e conservadora ganharam espaço. Soma-se a isto a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, juntamente com a “crise do marxismo”, e a conclusão que se chega é que a tentativa socialista fora simplesmente um erro que não deve ser revisitado. Torna-se recorrente a afirmativa expressa por Tony Judt: “duas fés irreconciliáveis de nosso tempo – comunismo e liberdade” (JUDT, 2010:338)

Assim, ao criticar o stalinismo, muitos estudiosos acabam jogando fora a água juntamente com a criança. Este processo contou com a contribuição de alguns historiadores marxistas que, durante muito tempo, se recusaram a uma análise mais séria e crítica do regime soviético, abrindo espaço para a defesa de uma relação direta entre marxismo e stalinismo. E ainda mais crítico, a defesa de uma semelhança com os fascismos, ignorando suas especificidades e bases teóricas.

Desta forma, segundo alguns intelectuais, a tentativa fracassada de construção do socialismo liderada pela URSS levaria diretamente a uma negação de qualquer processo transformador, uma vez que a história soviética nos apresenta uma lição. Fim da URSS, fim do marxismo, fim das transformações socialista. Simples, direta e causal.

Um excelente exemplo desta perspectiva está nas palavras de Tony Judt em seu muito apreciado livro *Reflexões sobre um século esquecido*:

“O desastre do fascismo, de curta duração, e a tragédia mais longa do comunismo podem ser citados como prova do processo conhecido de nossos antepassados, e do qual o sistema de Colbert e o ancien régime foram precursores tímidos. Hoje sabemos que uma versão determinada do liberalismo que conceda o máximo de liberdade e iniciativa em todas as esferas da existência é a única opção possível.” (JUDT, 2010: 465)

“(...) ser de esquerda significa simplesmente estar num estado de protesto permanente. E como o protesto mais frequente é contra os danos causados pelas mudanças aceleradas, ser de esquerda é ser conservador.” (JUDT, 2010: 473)

De certa forma, a literatura marxista acerca do período stalinista contribuiu para a construção desta perspectiva ao se “aproximar” do depoimento de Korchagin que,

durante oito anos, trabalhou nos campos de trabalho soviéticos. Uma mistura de consciência da barbárie, com justificativa pelas necessidades históricas, aliadas à uma vontade cega pela realização do socialismo.

Acredito que, se ainda quisermos transformações, se ainda buscamos um “outro” socialismo, o marxismo há de voltar criticamente para a história soviética e revisita-la. Neste sentido, a literatura contemporânea à época e até mesmo posterior a ela pode ser um bom recomeço.

Entendendo a arte como “capaz de identificar-se dentro da sociedade”⁵, podemos descobrir nela uma excelente fonte de trabalho e pesquisa. E ainda, podemos adentrar mais intimamente num universo cotidiano e de sentimentos que nos é difícil aproximar. Willi Bole, num comentário sobre Benjamin, aponta que a perspectiva benjaminiana não é ver Paris por cima, mas de dentro, junto com.⁶ Situação muitas vezes impossibilitada pelo rigor acadêmico e científico.

O humano que por muitas vezes é deixado de lado nas análises acadêmicas pode ser resgatado através da literatura e nos trazer a oportunidade de novas perspectivas e abordagens acerca do objeto histórico. Um belo exemplo disto está na obra *O mestre e a Margarida*.

O romance foi escrito por Mikhail Bulgákov na década de 1930, em meio ao que ficou conhecido como o Grande Terror. O original ficara engavetado e quando de sua publicação o autor já havia falecido.

A obra, que utiliza do grotesco e do fantástico, conta a visita do Diabo à Moscou juntamente com sua comitiva: uma feiticeira nua, um homem de monóculo rachado e um gato gigante que pensa, fala e anda sobre as duas patas traseiras.

Paralelamente à visita, narra-se a história do mestre que havia sido perseguido, censurado e taxado como louco ao escrever um livro sobre Pôncio Pilatos. Assim, durante a narrativa, travam-se discussões sobre a existência ou não de Deus, Jesus, Pilatos e do Diabo.

Assim que o Diabo chega a Moscou, muitos fatos inusitados começam a ocorrer na cidade. Pessoas morrem de forma estranha, outras desaparecem, dinheiro se

⁵ - BENJAMIN, Walter. *Passagens*. . Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. P. 360

⁶ - BENJAMIN, Walter. *Passagens*... Op. Cit. P. 1149.

transforma em simples papel, mulheres devidamente vestidas ficam nuas num passe de mágica. Inicialmente, a população moscovita se espanta com os acontecimentos, mas com o passar do tempo se acostumam e começam a gostar. O que era estranho, quase sobrenatural, é logo passível de aceitação.

Talvez uma das cenas mais intrigantes do livro esteja no momento em que o Diabo e sua comitiva decidem realizar um show no Teatro de Variedades para uma apresentação de “magia negra”. Antes de realizar o ponto máximo do espetáculo, o Diabo pergunta ao palhaço se em sua opinião os moscovitas haviam mudado muito. Ao que Korôviev responde exaltando as mudanças nas vestimentas e meios de transporte. E o Diabo retruca com uma pergunta retórica, afirmando que o que lhe interessa sabe é se “esses habitantes mudaram por dentro”.

Em seguida, faz cair dinheiro do céu. E vê as pessoas se jogando, atropelando umas às outras, batendo-se, discutindo para conseguir garantir um pouco desta estranha e mágica chuva que possui “o cheiro incomparável por seu encanto de dinheiro recém-impresso”.

A resposta moscovita à chuva de dinheiro fez o “mago” concluir que:

“São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...” (BULGÁKOV, 2009: 146)

Em outro momento do romance, num show de variedades, em que se apresentam histórias de heróis e traidores dos valores soviéticos lemos o seguinte diálogo entre o apresentador e os expectadores:

*“ – (...) o que podem deixar para trás?
- Uma criança!
- Absolutamente correto – confirmou o apresentador do programa – Uma criança, uma carta anônima, um panfleto, uma bomba-relógio e sabe-se lá o que mais, mas ninguém se desfaria de quatrocentos dólares, não existe no mundo um idiota desses.”* (BULGÁKOV, 2009: 187)

As personagens moscovitas apresentam uma característica em comum: estão presas. Seja aos dogmas de suas crenças políticas, seja a corrupção, seja ao desejo de acumular dólares ou de delatar quem os tem. Faltam-lhes paixão e liberdade, numa sociedade que se mostra todo o tempo policialesca.

A única personagem que as tem é Margarida. Casada com um importante pesquisador do Estado, morando em uma confortável casa sente-se aprisionada em uma vida que não lhe confere prazer. Disposta a largar tudo o que parecia ser o anseio de todo moscovita – dinheiro, conforto e segurança – Margarida faz um pacto com o Diabo e foge com o seu verdadeiro amor, o mestre, a quem havia insistido na importância de escrever o livro sobre Pilatos.

O momento mais libertador do livro se dá quando, após utilizar uma poção mágica, Margarida torna-se invisível e sobrevoa a capital soviética. “Invisível e livre!” como ela mesma anuncia, pode ser a si mesma, ir e vir, gargalhar alto, não temer nada.

Clara, direta e com um excelente senso analítico, Margarida explica a opção por pactuar com o Diabo: “É claro, quando as pessoas são totalmente roubadas, como nós dois, elas procuram salvação numa força contrária!” (BULGÁKOV, 2009: 416)

Quando o Diabo e sua comitiva decidem partir, deixam para trás uma sociedade que se investiga a todo tempo em busca de uma resposta aos acontecimentos. Ao final, uma resposta oficial é fornecida e prontamente aceita. Ainda que incompatível com a realidade.

Não é difícil perceber as analogias e metáforas utilizadas no romance por Bulgákov. Margarida, o mestre e Jesus são os dissidentes. Aqueles que ousaram não aceitar e não se calar. Cada um pagou seu preço. Judas é o Partido, aquele que julga que decide, que diz o que é certo e o que é errado. Cria o certo e o errado e a conduta de vida a ser seguida. Está como grande parte dos burocratas, “cumprindo ordens”. César seria Stálin – que mesmo ausente, torna-se presente todo o tempo.

Durante o romance, a visão de Bulgákov sobre a construção do regime soviético nos parece clara: o socialismo ali implantado não conquistou corações e mentes. Não fez a principal mudança, que não é meramente econômica ou política. O socialismo soviético não mudou o homem. Se após a revolução, há uma economia planejada e regulada pelo Estado, se há uma Rússia de partido único, defensor da causa operária, não há o homem socialista.

Uma questão filosófica que foi muitas vezes deixada para trás por historiadores e estudiosos do tema, mas que não foi negligenciada pela literatura ou por quem viveu o terror stalinista. Tentou-se construir o socialismo para depois construir o homem socialista. A aceitação ou o dogmatismo de um suposto marxismo-leninismo não

carrega em si a formação de um homem socialista. E um regime assim precisa sustentar-se através de um duplo mecanismo: consenso e violência.

CONCLUSÃO

“A gente acreditava que o futuro ia ser bom. Estávamos convencidos de que a vida ia melhorar se trabalhássemos bem e honestamente... Não achávamos que estávamos criando um paraíso terrestre, mas sim uma sociedade onde haveria o suficiente para todos, haveria paz e não mais guerras [...] Essa crença era verdadeira e nos ajudava a viver, porque significava que estávamos nos concentrando em nossa educação e nosso trabalho para o futuro, em vez de nos nossos problemas materiais. Sentíamos mais orgulho do nosso trabalho do que sentimos hoje. É difícil viver sem crenças. Em que acreditamos hoje? Não temos qualquer ideal.” (FIGES, 2010, p. 720)

A “nostalgia” pelos governos autoritários do século XX vem apontar não a derrota do marxismo, mas sim o não cumprimento das promessas de felicidades feitas pelo capitalismo, assim como a insatisfação das pessoas perante este movimento e o vazio de suas vidas.

Quando milhares de pessoas aderiram aos PCs ou ao NAZI, não o fizeram pelo vasto conhecimento das teorias comunistas e nazistas. O fizeram pelo desejo de mudança, pela desilusão e desencanto ao que presenciavam e viviam, por tédio e melancolia.

Os prazeres que hoje a mundialização do capital é capaz de nos oferecer são efêmeros e ilusórios. Certamente em algum momento procuraremos “em quê acreditar”. É exatamente neste contexto que as ideologias autoritárias, xenófobas e violentas aparecem com força e conquistam espaço.

Não é difícil perceber isto já nos dias de hoje quando ouvimos discursos preconceituosos e violentos contra um suposto “islamofascismo”. Disseminando o ódio e incentivando a discriminação, partidos políticos e grupos sociais apregoam a necessidade do combate contra os muçulmanos, os principais inimigos das sociedades “modernas, civilizadas e democráticas do Ocidente”.

Assim como fez Benjamin ao analisar o século XIX, nós também devemos levar em conta a análise dos sonhos coletivos do século XX se desejarmos compreender os

Estados Autoritários. Da mesma forma, precisamos olhar para eles hoje se quisermos evitar o avanço autoritário e construir outra sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BULGÁKOV, Mikhail. *O mestre e a Margarida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FIGES, Orlando. *Sussurros*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

JUDT, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.